A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 63 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

O GOVERNO TEM QUE OLHAR A SERIO A QUESTÃO DE PENICHE

Alves dos Reis, o "Homem das Notas"!

(Croquis feitos na cela da esquadra da Lapa).

Alves dos Reis, o principal incriminado no tremendo caso Angola e Metropole, é visitado na prisão pelos nossos redactores, que com ele conversam, como consta da curiosa reportagem que publicamos

LEIA DENTRO: "O Domingo" visita Alves dos Alves na esquadra da Lapa

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 63

LISBOA 28 DE MARÇO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO *HENRIQUE ROLDÃO*—EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

NAS ruas de maior transito, grandes cartazes anunciam já para o proximo Domingo de Pascoa a inauguração da quadra tauromaquica. Ha dez ou quize anos, estes convidativos avisos agitariam a população lisboeta, que neles veria a promessa de barulhentas tardes de sol, poeira, côr e entusiasmo, com pregões estridulos de limonada ou gazoza e de ventarolas com os retratos dos toureiros, com piadas ligeiras como flechas, cruzando-se entre os sectores da praça e, dominando o tumulto, o estridular dos cofres da banda, gritando os mais salerosos «passa-calles». Hoje, as cabeças de touro, que ilustram os cartazes anunciadores, parecem encarar com uma tristeza repreensiva a multidão que passa indiferente, sem os relancear sequer, para mais alem se deter em contemplação demorada e quasi comovida perante os «placards» de côres menos alegres, que prometem sensacionais desafios de «foot-ball» entre grupos de nomes barbaros.

Como as pilecas das tipoias, que os HP dos «taxis» destronaram, os touros caíram em desfavor. Dentro em breve, as pilecas não serão mais do que rôlos de salame, envoltos em folhas de estanho, nas montras das mercearias e os touros ou se resignam a arrotear a leziria, jungidos á charrua ou acabam por fazer de vaca á porta dos talhos.

Na propria Espanha, onde as crianças, ao nascer, gritavam logo: «más cabalhos», na propria Espanha os touros estão em declinio. O Estado, que considera a tourada festa nacional e caracteristica da raça, começa a preocupar-se com esta manifesta decadencia e premedita, para contemporisar com os detractores das corridas, eliminar por decreto o «tercio» das varas, com fundamento em regras de estetica e em principios muito aceitaveis de humanidade, que não admitem que os touros, sem formatura em medicina-veterinaria, pratiquem a laparatomia nos miseros «pencos» que mal podem com o arreio. No fundo, não é talvez a sorte dos pobres cavalicoques sacrificados que preocupa os homens do governo, mas a sombra de Zamora, o famoso «Keeper», que se engrandece e estende sobre a Espanha, ameaçando eclipsar a passada gloria dos Guerritas, a evocação heroica dos Joselitos e a fortuna presente dos Gallos e Belmontes, com prejuiso grave para os creditos da Espanha toureira.

* * *

Não é sem uma certa dose de magua que se assiste ao lento desmoronar duma tradição, que vigorosamente lutou e persistiu atravez dos seculos, adaptando-se ás circunstancias e á evolução do espirito humano, vindo desde os barbaros combates de touros e mastins até ás elegancias marialvas do nosso toureio equestre, para afinal tombar vencida. E vencida, por que novo exercicio de destreza e coragem? Por um combate insipido e violento entre homens, que entre si disputam a pontapé uma bola de borracha e sola, jogo inventado por inglêses pernaltas e pésudos, para substituir o «gin» no aquecimento organico indispensavel a quem vive entre as brumas da Gran-Bretanha, onde um raio de sol, limpido e acalentador, é tão desejado e apetecido como o sorriso acolhedor duma mulher bonita.

Para apreciar como nos assenta mal, a nós peninsulares, o «sport» importado, é comparar, já não digo, para não ferir susceptibilidades, o aspecto duma praça de touros com o dum campo de «foot-ball», mas o regresso duma corrida com a volta dum desafio. Avenida abaixo, por uma tarde de ouro e azul, trens guisalhando, automoveis fazendo soar a orquestra disparatada dos seus sinais de alarme, trajos claros, mulheres bonitas e nos olhos a chama ainda brilhante do entusiasmo vivido e nas bocas a sêde dos vinhos frescos e transparentes, que vão animar os jantares. A volta do «foot-ball» é um tropear triste de homens fatigados, é o assalto aos electricos, é o esmagamento moral dos partidarios do club vencido, é o azedume das discussões entre criaturas que se não conhecem, mas que se distinguem e detestam mutuamente pela chapinha de esmalte que trazem na lapela. E desta multidão, que arrasta os passos pêcos, no murmurio das conversas ou nos berros das discussões, só saem palavras guturais, que soam barbara e extranhamente aos ouvidos habituados ao doce falar cantado dos latinos: «Off-side... penalty... goal...», palavras em que nem sequer figuram aqueles r r tão caracteristicos das linguas peninsulares e que dão ás frases uma vibração entusiastica.

* * *

Em espectaculos de destreza e animo sou pelos touros em detrimento do «foot-ball», como em assunto de ingestão de liquidos acho o vinho preferivel ao leite. Mas esta predominancia de gostos peninsulares não obsta a que eu admita o «foot-ball» e o leite como elementos apreciaveis de revigoramento fisico, quando jogados e tomados nas devidas proporções e sob indicação medica.

—O CARTEIRO:—Ora o meu amigo! Se isso é ser pintor, então tambem eu sou homem de letras!

ALVES DOS REIS

O HOMEM DAS NOTAS

Visitado pelo O DOMINGO na sua cela da Lapa, fala largamente durante uma hora e pousa para os «croquis» da nossa primeira pagina

ALVES DOS REIS, preso como organisador principal do Banco Angola e Metropole e responsavel na emissão clandestina das notas de 500 escudos, recebe-nos na cela da esquadra da Lapa.

O tal gabinete de riqueza oriental, de que os jornais falaram, é uma quadra modesta, cimentada, onde uma tarimba pobre não consegue pôr conforto.

Uma cadeira de bordo ocupa um canto. Sobre a meza comprida, muitos papeis, um solitario onde morrem duas belas rosas e uma caixa de bolachas inglesas. Retratos. E' numa sanguinea do Lazarus, M.me Alves dos Reis, uma expressão magoada e fina, e três creanças admiraveis, de olhos vivos, sorrindo com alegria—os filhos.

Vamos fazendo os «croquis». Alves dos Reis, escanhoado, elegante, fumando uma cigarrilha amarela, fala devagar com um sorriso. Não faz declarações, diz. E' melindrosa a sua situação. Espera—talvez dois anos, acrescenta—que seja julgado. Mas logo depois anima-se, conversa. Tenho lido os jornais—apontou tres albuns volumosos e verdes, de recortes de imprensa: Estão aqui.—Reparou? E, então, ri a bom rir, uma gargalhada grande que ecôa na cela aberta. Fóra, o policia, ri tambem.

—Disseram ao principio que as notas eram falsas.

—Chamaram os «peritos». «Peritos...» coitados! Os «peritos» viram logo que o Vasco da Gama tinha um olho torto; que a ponta da barba estava revirada, que a chapa era mais pequena... Mas depois vem o inglez. «Não senhor as notas são bôas... o olho está direito, a barba não tem ponta, o tamanho é o mesmo... as notas foram feitas lá em casa! E ninguem fala mais nos peritos»... a não ser para descobrirem logo, com a mesma perspicacia, que as assignaturas eram grosseiras e falsas...

—Então o «croquis» está bom?

—A sua cabeça é dificil, insinuante...

—Sim, a cabeça é tudo! O Inocencio diz até que só se lembra da cabeça!

* * *

—De quem são estes retratos?

—Dos meus pequenos...

—Ah! Já os viu?... Sabem que está preso...

—Não. São muito pequenos. Quer dizer, o maior... tem onze anos... (passa-lhe nos olhos uma nuvem, e puxa nervosamente o cigarro)—a esse, faz-lhe já isto tudo uma grande confusão...

Uma senhora que está de lado interveiu: Tivemos que dizer-lhe que o pae viera doente, que estava numa casa de Saude. Agora para os ver, inventamos uma revolução em Angola. Estiveram aqui na esquadra no Domingo. Um, o mais velho... esse... Subitamente, Alves Reis, calou-se. Esse olhos magoados de mulher olham-nos, da sanguinea do Lazarus, colocado na meza. Mas é um momento, levanta-se, passeia, ilumina-se-lhe a face.

—Ah! Meus senhores: A imprensa, os peritos, tudo tem uma opinião; a que é preciso ter...

Fixamos os olhares. Ele cerrava a vista, sentado na borda da meza... E fizemos-lhe esta pregunta monumental:

—Com que então, a venda das Colonias?

—E' verdade! Nem menos, hein? E depois de rir: parece que agora já perceberam que isso era tão tolo, que até nos podia comprometer lá fóra. E, a ultima novidade é que eu ia fazer uma revolução com os pretos. Eu sou, mais ou menos, tudo! Que diabo, são todos os crimes! São mesmo muitas coisas para um homem só!

—E os juizes—interrompemos. Tem já conhecido bastantes; que lhe pareceu o Dr. Pinto de Magalhães?

—Esperto.

E os outros?

—Interessantes. Fuma?

—Muito obrigado.

—Para ondê são os desenhos?

—Para o «Domingo», para jornais do Brazil.

—Optimo! Hade enviar-mos, sim? Gostaria muito de os pôr no meu livro.

—Vai fazer um livro?

—Naturalmente. Trabalhava nêle quando entraram. Vou almoçar.

—Bom proveito! E Alves Reis estendia sobre a mesa a sua frugal refeição, como quem luncha á pressa entre o expediente dum escriptorio.

Eis o que ele nos disse, e nós reproduzimos, por pitoresco, sem politica, sem sentimentalidades exageradas, sem acintes pró ou contra. E'-nos, de resto, indiferente a sua sorte.

Livres Pensamentos

Entre as bizarmas mais extraordinarias
neste paiz tão doido e tão poeta,
estão as attitudes verrinarias
que ás vezes toma a Associação «Secreta»,

(Puz exire aspas o mágico adjectivo
por entender,—tolices de quem pensa...—
que o que é secreto é mysterioso, esquivo;
não dá communicados para a Imprensa...)

Além do martellinho, do avental,
de tanta vestimenta para entrudo
—que fica com certeza muito mal
a «irmão» que seja baixo e barrigudo;

além de residir no bairro alto
com essos taes irmãos, num palacete
que tem na salla o ceu estrellado, ao alto,
e põe os corações em omolette;

além de forragear na geometria
triangulos e riscos complicados
—a tal ponto que a gente já os via
redondos ou bicados ou quadrados;

além de escrever tudo com trez pontos
que até parecem ornamentos russos
e que deixam os olhos meio tontos
pois fica a prosa cheia de soluços;

além de outros peccados mais mortaes
cuja historia é já caso bolorento,
agóra quer obter ainda mais
pois quer formar O trust *do Pensamento.*

Como a ideia de Deus,—a cujos pés
a humanidade humilima se roja—
é contraria aos grotescos tagatés
que teem cabimento lá na loja,

Como a ideia christã lhe sabe a quassia,
accendeu-se-lhe o verbo linguareiro!
E ha pouco botou falla a «Loja Accacia»
(que é filha natural do Conselheiro...)

A syntaxe em salmoira, o olhar em chama,
o estomago irrequieto, o ventre a arfar,
badalou contra a Egreja o seu programma
que todos nós teremos de «grammar»;

blasphemando em seu odio virulento
bufou, zurrou, pulou como uma corça.
Tudo isto por amor do pinsamento
que terá de ser livre á fina força.

Contra a vil Reacção,—galharda e viva
como virago explendida e sympathica—
proclama em prosa quente uma offensiva
altamente offensiva da grammatica...

E o Registo Civil impa de goso,
e quasi já não ralham as comadres,
e o povinho adivinha, jubiloso,
um regabofe de caçada aos padres;

Para isto se junta a grey maçonica,
—mais sónica que má...;—que em coisas desta,
se alguma que outra avelha está pyrrhonica
o Sr. Magalhães... lima as arestas.

E se calhar quem soffre não se queixa,
quem sente não confessa o que sentir.
pois cá na terra só se não desleixa
quem tem maldosos fins a conseguir...

Eu,—roerei a crueza do marmello
que uns me dão e outros regam de agua morna,
não sem certo temor de que o martello
faça da minha testa uma bigorna...

TAÇO

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

JORNALISMO DESPORTIVO

A profissão de jornalista nunca foi isenta de perigos. Não tem conta o numero dos que caíram, victimas do cumprimento do dever profissional, correspondentes de guerra, reporters audaciosos, são ás centênas os que figuram no martilógio especial da imprensa. Em Portugal, a repetirem-se os congressos partidários, tornar-se-á intransitavel—como dizia um fogoso deputado—o desempenho das funções de cronista de jornal.

No congresso dos nacionalistas—um partido de ordem e conservador—

os jornalistas presentes, alem de terem tido o pratinho de ver o Ginestal aspergido com o conteúdo dos tinteiros e dos frascos de gôma, ainda em cima, na hora dos gestos franciscanos, foram mimoseados com os sobêjos da pantomina.

Agora no congresso radical, que de modo nenhum quereria ser tomado como uma assembleia de desordeiros, um orador, referindo-se á imprensa lisboêta, foi de opinião que ela precisava de cacête, como de pão para a bôca.

Cuido, portanto, que, quando de futuro se anuncie uma reunião de qualquer dos vinte e nove partidos existentes, os jornaes, ou deverão fazer-se representar pelo Santa Camarão e outros brutamontes da mesma espécie ou os jornalistas nomeados para esse serviço perigoso deverão cercar a sua bancada de arame farpado e terem sobre a mesa, ao alcance da mão, algumas granadas de arremesso.

Haveria ainda uma outra solução e essa talvez a mais rasoavel: a de não irem lá. Não levo a minha opinião ao extremo do impetuoso orador radical. Não reputo o cacête indispensavel á imprensa lisboeta. Mas, se o chamassem a capitulo e lhe dessem uma boa duzia de palmatoadas, não seriam absolutamente imerecidas. Quem a mandará perder o seu tempo e as suas colunas com a cronica circunstanciada de chinfrineiras que não interessam senão os que neles tomam parte? Quem lhe pagará o recado de citar os nomes de cavalheiros absolutamente ôcos de miôlo e apesar disso, prejudiciaes para a vida do paiz, de lhes relatar os *discursos* e de os pôr numa evidência que cousa alguma justifica?

Se amanhã todos os jornaes mantivessem um silencio absoluto acerca desses simulacros de congresso e deixassem todos esses salvadores da Pátria esmurrarem-se á vontade e lavarem a sua roupa suja em familia, não haveria nisso uma certa vantagem? O espaço gasto em noticias de assembleias de balburdia e de inercia não poderia ser empregado em assuntos de muito maior interesse geral?

Reconheça a imprensa que é a primeira culpada da existencia oficial de certo numero de pessoas e, portanto, não extranhe demasiadamente que pelo ar lhe venha a dádiva dum frasco de goma ou a graciosa oferta dum cacête.

—Os ovos são garantidos?
—Ora essa! Por dois anos!

HISTORIA DUM SOBRETUDO

Contava-me ontem um dos meus melhores amigos:

—«Em 1915 comprei em Paris, na casa Barcklay da Avenida da Opera, um sobretudo que me ficava a matar. Por

fóra côr de mel, por dentro era roxo, tinha uma martingala atraz e uma gola de veludo. O sobretudo fez sensação em Lisboa. Todos os conhecidos exclamavam ao vê-lo:—«Bravo! Sobretudo novo! Lembrança de Paris! Quanto custou?» No ano seguinte, mal arrefeceu o tempo, compareceu o sobretudo. Os taes conhecidos olhavam para ele e acabavam por dizer:—«E' do ano passado, pois não é?». No terceiro inverno tinham deixado de se usar as martingálas nas costas. Os conhecidos corriam a mão pelo pêlo do meu sobretudo e comentavam:—«Tem durado o sobretudosinho». Preciso é dizer que eu tinha mandado mudar a gola. E assim passaram dez anos. O sobretudo continuava sem se romper e eu com pouca gana de comprar outro. Os conhecidos, a cada inverno novo, saudavam a reaparição do meu abafo com ironias e larachas:—«Então o sobretudo sempre firme? Quando o veremos no Museu d'Arte Antiga? etc». Ora em dez anos um sobretudo ainda que seja de boa marca, atinge a sua maioridade. Deliberei substitui-lo e mandál-o correr mundo. Uma senhora que se ocupa em vender fato usado, prontificou-se a passá-lo a centavos e despedi-me do meu camarada de tantas noites de invernia. Já não pensava nele quando ontem, numa paragem de electricos vejo um senhor todo inchado com um sobretudo côr de mel, com gola de veludo e martingála atraz. A certa altura abrio-o para que se visse bem o fôrro rôxo do objecto em questão. Eu mirava o senhor e dizia comigo:—«Donde conheço eu este cavalheiro?» Nisto um amigo do tal conhecido que eu não reconhecia acercou-se e exclamou:—«Bravo! Sobretudo novo!...» Foi o raio de luz. O sobretudo novo daquele senhor era o meu sobretudo velho...

Eu concluí:

—«A vida é toda assim. Passamos a vida a usar os sobretudos velhos dos outros e a achar que nos ficam muito bem.

O FUMO DO MEU CIGARRO

Um sujeito, que não tem vícios, dizia-me ontem:

—«Desde que edade fuma você?

—«Desde os quinze...

—«Quantos cigarros fuma por dia?

—«Em média uns trinta...

—«Quantos anos tem?

—«Trinta e quatorze já feitos...

O cavalheiro pegou num lápis e um papel, fez muitas multiplicações e saiu-se com esta conclusão:

—«A trinta cigarros por dia, você tem fumado dez mil novecentos e cincoenta por ano ou sejam, em vinte e nove anos de fumador, trezentos e dezesete mil quinhentos e cincoenta. Vamos pelo mais barato. A tostão cada cigarro são trinta e um mil setecentos e cincoenta e cinco escudos, o preço dum automovel muito sofrivel. Não se queixe por tanto de andar a pé.

Nesta altura eu indaguei:

—«O meu bom amigo não fuma?

—«Deus me livre!

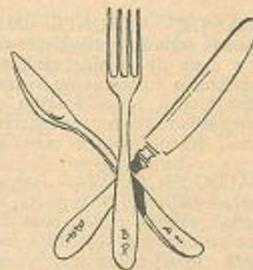
—«Então... empreste-me o seu automovel.

Afinal, o homem era como eu. Tambem se governava com os electricos.

UMA HISTORIA DE MENINOS

Os papás de tres meninos foram a Paris numa excursão a preços reduzidos. Trouxeram lembranças para os respectivos meúdos. Estes, no liceu, contam tudo uns aos outros:

—«O meu pae trouxe-me uma ca-

neta que se espreita por um buraquinho e se vê a Torre Eiffel..

—«O meu pae trouxe-me uma faca de papel que diz assim:—«Souvenir de Versailles».

—«E o meu, explica o terceiro, trouxe-me um talher que diz assim:—«*Bufête da Pampilhosa*».

ANDRÉ BRUN

Os premios do Concurso das Novelas

Serão, como dissemos, constituidos não só por objectos de arte, mas especialmente por admiraveis obras de literatura, algumas ricamente encadernadas que nos foram para esse fim oferecidas pelas conceituadas casas: *Livraria Classica Editora*, da praça dos Restauradores, 17, *Livraria Portugalia*, Correia Limitada, Livraria *Bertrand*, da Rua Garrett, e *Parceria Antonio Maria Pereira*, as quaes galhardamente quizeram depôr nas mãos dos jovens literatos do nosso concurso as suas melhores edições.

Brevemente, em detalhe nos referiremos a esses premios.

Rogamos aos concorrentes premiados que nos enviem as suas direcções e os seus retratos.

—Arranjei um logar de guarda-nocturno!
—Estupido! Então não sabes que não uzas camizas de noite?

O DOMINGO ilustrado

Varia

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

J. FERNANDES ANTUNES.—Mundanismo, inteligencia mais assimilavel que cultivada, um tanto a mais de vaidade, muitos nervos, caracter caprichoso e facilmente irritavel, bom coração, imaginação, amor á dança, um poucochinho mentiroso sem consequencias, habilidade manual, desconfiança e muita sensualidade.

AGUINALDO ESCALEIRA.—Força de vontade reflexiva e paciente, bom gosto, ambição, energia moral, espirito critico, bom diplomata quando quer, ordem nos objectos e nas ideias, generosidade bem entendida, curiosidade, bons nervos e bem dominados.

FATÚ.—Inteligencia clara e rapida, caracter excentrico e desigual, boa memoria, pouca vaidade, poeta no fundo, mas tem medo que os outros os conheçam, nervos que o dominam, sensualidade cerebral, generosidades prodigas, mau caracter e bom fundo, por vezes sente-se deprimido e custa-lhe reagir; facilidade e habilidade para trabalhar, mas tem preguiça e desinterese.

ENIGMATICA. — Espirito sonhador e romantico, com boa memoria, muita meiguice e muita dedicação, ordem, habilidade manual, espirito religioso sem exagero, inteligencia não muito cultivada, economia... forçada, pouca vaidade e veracidade.

CASA.—Impulsivo, energico, audaz, falador, discutidor, prodigo em tudo, muito «Latino», leal com os amigos e perigoso com os inimigos, um pouco d'Artagnan, sonhador... um tanto poeta em prosa e em verso, odeia o trabalho e adora os romances e as mulheres todas.

J. D. I. (Alcobaça).—Não serve de nada a sua carta pois o papel é pautado, queira escrever outra vez.

IOLOFRE.—Força de vontade impaciente e imaginação, teimoso e discutidor, bom gosto, ás vezes tem ataques de pessimismo muito passageiros, nervos fortes mal dominados, amor aos livros, vaidade espiritual, prodigalidades e boa memoria.

QUASIMODO.—Boa e cultivada inteligencia, sentimento do dever, espirito pratico e um tanto analisador, sentimento de poesia, generosidade bem entendida, força de vontade, lealdade, amor aos livros, vaidade interior.

SPARTACUS (Bob).—Boa e cultivada inteligencia, caracter desigual e um tanto excentrico, simples nos gostos, um grande amor pela estetica e a harmonia das coisas (e tambem nas ideias), leal, generoso, vaidade invulgar, pois nem todos percebem a sua vaidade, boa memoria, sensualidade forte, desconfiado e curioso.

UM CORAÇÃO QUE SE ACHA SEDUZIDO.—Caracter orgulhoso de si proprio, sentido pratico, bom gosto, espirito religioso sem exagero, rajadas pessimistas, boa memoria, habilidade manual, espirito vivo e de verbo facil, romantismos... que passam rapidamente vencendo o bom senso que aludo acima, bom coração, pouca curiosidade, generosidade bem entendida e amor ás flores.

COLHO PERA.—Temperamento impetuoso, impulsivo e energico demais, apaixonado e bondoso, prodigo, leal, de ideias muitissimo independentes, optimista, amigo de fazer favores, nervos fortes e bem dominados.

JARDIM.—Energia moral, espirito vivo, intuição, habilidade para se conduzir na vida que sem ser um hipocrita sabe triunfar, resoluções prontas, audacia, pouca vaidade mas orgulho de si proprio, falador gostando de polir um tanto a frase, nervoso, inteligente, generoso impulsivo, boa memoria para tudo excepto nos objectos.

KISS.—Vivacidade de espirito, um tanto inconsciente, inteligencia clara mas mal aproveitada, vaidade, pouco amor ao trabalho, mas muito generosidade, esperança em Deus, má memoria e curiosidade.

ZIZI. — Caracter um tanto parecido com «Kiss» mas com um pouco mais de calma no espirito, mais economico mas pratico e mais seguro de si proprio, bom coração, um pouco de preguiça e um muito de boa vontade... só de palavras!

MARIA JOSÉ.—Caracter bondoso mas talvez um pouco severo, pratica, economica, de espirito agil e frase justa, sentimento do dever, espirito religioso sem exagero, pouca vaidade, nervos fracos, memoria que já foi melhor.

PECHINCHINHA SECA. — Já disse muita vez nestas colunas que me não servem versos, queira escrever outra vez e responderei breve. Visto que com esta perdeu o seu numero de ordem. (Não é preciso dinheiro).

MASCOTE. — Força de vontade media, ordem, bom coração, ciumes, nervos fortes e mal dominados, pouca dignidade de si propria tendencias diplomaticas com pouco sucesso quasi sempre, optimismos e amor á dança.

INFELIZ.—Não serve papel pautado.

SOLRAC.—Ora... O sr. Carlos apesar de ser muito nervoso e ter a mania de que o não compreendem, e querendo ser rijo de caracter (quando pelo contrario é brando) e fazendo todos os possiveis por ser duro, «deixe-me dizer-lhe» que é uma excelente pessoa e se conseguisse ser menos franco e mais reservado para tudo, a vida lhe correria melhor.

E' confiado de mais e no fundo bastante optimista, tem má memoria, inteligencia clara e muita preguiça, boa disposição de animo quasi sempre; é sempre o primeiro para uma parodia, é um fraco. Estamos de acordo?

UM DESPROTEGIDO DE CUPIDO;—Caracter sonhador e pessimista (não o digo pela sua inconfidencia que aliás não acredito), muito nervoso, muita sensualidade, inteligencia um tanto lenta, energia fisica, horror ao trabalho, pouca generosidade, boa memoria para se lembrar do mal que lhe fazem.

J. M. ALVES.—Não serve papel pautado, queira escrever outra vez e tratarei de vêr se posso adivinhar o que o sr. quere.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Palavras Cruzadas

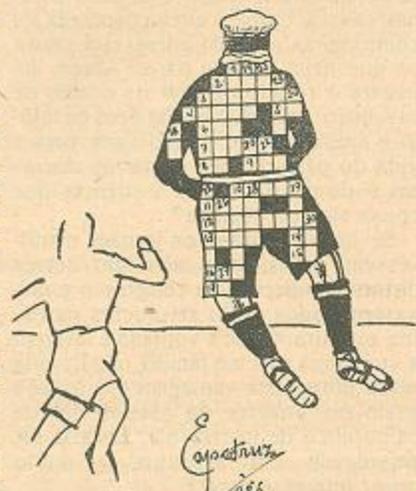
o passatempo da moda

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

É DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO' LIMA CHARADAS E AULEDO

Campeões do n.º 61

HORISONTAIS.—1—Animal, 2—Peixe, 3—Golpe com pau, 4—Segurava, 5—Caminhar, 6—Apelido, 7—Perfume, 8—Batraquio, 9—Nas Aves, 10—Inesperado, 11—Circulo, 12—Jogo, 13—Une, 14—Lamento, 15—Batraquio, 16—Herdade, 17—Nota de musica.

VERTICAIS. — 1 — Desterrado, 2—Poema, 3—Transgredir a lei de Deus, 10—Abrigo, 18—Unico, 19—Peixe, 20—Perversa, 21—Partida, 22—Carta, 23—Transfere, 24—Fluido, 25—Sopro, 26—Lista, 27—Folga, 28—Saia (ant.), 29—Debruar, 30—Nome de mulher.

DECIFRAÇÃO DO N.º 62: — HORISONTAIS.—1 — Declamar, 7—Apertar, 13—Pisa, 14—Represas, 17—Aria, 19—Boa, 20—RAO, 22—Ra, 26—Utriculariadas, 29—Caiam, 30—Mata-o, 31—Rã, 32—Ir, 34—Admastor, 36—Ri, 38—Larga, 42—Dai, 43—Pós, 44—Assutadoras, 45—Ao, 47—As, 48—Ré, 57—Vir, 59—Al, 60—regularmente, 61—Ar, 62—Ar, 63—Ti, 64—Uma 66—Cal, 68—Noticias, 76—Ar, 77—Barba, 79—Operações, 82—Nó, 83—Ir, 84—AV, 85—Viracento, 86—Cerce, 87—E. P., 88—Doi, 89—Ar, 91—Aa, 92—Al, 93—Mar, 95—Eis, 96—Dó, 97—Ovar, 99—Brocar, 101—Ea!, 102—Aviar, 105, Rôr, 106—Dá, 107—Aço, 110—Oasi-anos, 111—Prasos.

VERTICAIS.—1—Dia, 2—E's, 3—Cá, 4—Ai, 5—Arrumada, 6—Reatadas, 7—As, 8—Paúl, 9—ES, 10—Tal, 11—Arca, 12—Ri, 13—Pó, 15—Portais, 16—Escoais, 18—Ara, 19—Lucilia, 21—Erário, 23—Ascender, 24—Mi, 25—Amolecer, 27—Iam, 28—Aro, 33—Ra, 35—Tia, 37—Ias, 39—R. P., 40—Gôa, 41—Assimilavel, 46—Orar, 49—El. 51—Se, 52—Eu 53—Cá, 54—Em, 55—Un, 56—Meu 57—Vau, 58—Irmandades. 62—Ambição, 63—Tabacaria, 65—Aro, 66—C R—67—Cadela, 68—Novembro, 69—Opiparos, 70—Ter, 71—Ira, 72—Cacetada, 73—Ice, 74—Aonde, 75—Retoiçar, 78— Areava, 80—Sôr, 81—Burro, 90—Rôa, 94—Rôr, 98—Avo, 100 Ra, 103—Às, 104—Ri, 108—cá, 109—Os.

CORREIO

ESPECTRUS.—Publicamos hoje o seu problema, mas rogamos-lhe para de futuro—se nos quizer continuar a distinguir com os seus trabalhos,—marcar a numeração das palavras verticais pela forma adotada para os problemas que aqui temos publicado.

ILDA PEREIRA E SILVA.—Quando nos dá o prazer de nos enviar mais alguns dos seus apreciados trabalhos?

LUIZ TROVÃO

O que se lê

«MARIAZINHA EM AFRICA» — romance infantil por Fernanda de Castro.

A literatura infantil que ainda há meia duzia de anos, era letra morta em Portugal, vive actualmente em plena maré de rosas, florescente e rica. Grandes prosadores e críticos como Aquilino Ribeiro, Carlos Selvagem e António Sergio—chamaram sôbre si o doce encargo de entreter a formosa curiosidade dos pequeninos portugueses que ainda não sabem ler francês... E debruçando-se amorosamente sôbre a famínta ignorância infantil, êsses escritores engrandeceram-se mais. Acharam mesmo a unica maneira de se fazerem pequeninos, tornando-se maiores...

Fernanda de Castro, a admirável poetisa da *Cidade em Flôr*, dramaturga tão justamente festejada—o mais lindo e expontâneo sorriso de mulher que tem iluminado as letras portuguesas—acaba tambem de publicar um livro de leitura infantil um romance para meninos! as aventuras de «Mariazinha em Africa». A falar bem a verdade, a autora da obra não é Fernanda de Castro («Maria» Fernanda de Castro...), mas a própria Mariazinha. A poetisa não fez poesia nem literatura nêste volume que a pintora Sara Afonso encheu da melhor bonecada: qúasi que se limitou a arrancar as primeiras páginas do diário da sua vida e a mandá-las imprimir emendando algum erro de ortografia, cuja responsabilidade pertencia á Mariazinha de dez anos, áquela Mariazinha que ela foi e que andou embalada pelas águas do mar e pisou terras de bizarros costumes...

Dando forma narrativa ás primeiras páginas do seu diário, Fernanda de Castro teve o bom gôsto de alterar o menos possivel o espírito de inocência que lhes dá um tão inconfundível aroma de pureza Por isto se compreenderá o excepcional valor da obra, digna da maior atenção, até como subsídio para estudos de psicologia infantil.

No entanto, para o público a que particularmente se destinam, essas páginas valerão apenas—o que já é tanto, o que é tudo!—como a mais deslumbrante caixa de surprezas, a mais saborosa caixa de amendoas e bonbons. Palpita-me que esta Mariazinha que foi a Africa irá agora perturbar muitas casas de familia, acendeddo paixões e lutas fraternas, provocando combates e danças da luta, batuques, caçadas a feras, o diabo a quatro...

«REVISTA DE HISTORIA» (vol. 13.º)

E' um grosso tômo de mais de trezentas páginas o último volume desta publicação, detentora dum já inabalável crédito scientifico. E' difícil mencionar especialmente alguns artigos de maior interêsse, porque todos merecem a melhor atenção dos estudiosos. As paginas em que Henrique de Ferreira Lima discreteia sôbre as relações literárias entre Portugal e a Suécia—, as que Bettencourt Ferreira dedica á memória do filosofo português Dr. Ferreira Deusdado—, o estudo de Paulo Merêa sôbre os jurisconsultos de Portugal e a doutrina do «mare clausum»—, bastariam por si só, contudo, para valorizar extraordinariamente o último volume da «Revista de Historia», um dos que mais nobilitam esta apreciada publicação, á qual Fidelino de Figueireedo consagra, há anos, tôda a sua grande proficiência e algumas horas da sua inteligente e fecunda actividade.

Tereza LEITÃO DE BARROS

cá por dentro

Anda remexido o meio teatral português—de tal forma que dá para uma nota curiosa de comentario semanal.

Parece certo o agrupamento Ilda—Alexandre de Azevedo, que reunirá ainda outro grande nome, e que irá para o Porto explorar o S. João, em companhia permanente, ficando este o «Teatro Municipal», e realisando assim a capital do Norte uma velha e justa aspiração.

A dissolução da companhia Amelia-Robles, e a sua refundição dará lugar a uma grande «tourneé» á provincia Ilhas e Brasil, sendo certo que os seus elementos serão renovados, e talvez nela ingresse, em papel preponderantecomo actor o distincto dramaturgo Francisco Lage, que com Correia de Oliveira firmou trabalhos de muito merito.

Por outro lado, desmanchado o negocio Ester Leão-Leopoldo Frois, para a Trindade, no inverno, diz-se que esta artista ficará no Nacional, á frente da nova organisação onde é natural que ingresse Alves da Cunha e Berta de Bivar, dizendo-se que a actriz Maria Matos, que não tem sido extremamente feliz, escreveu no sentido de ser informada do que ali se vae fazer. Abrindo o Variedades, no Parque Mayer, deve nele reaparecer Nascimento Fernandes, com alguns elementos da companhia que vai trabalhar no Joaquim de Almeida. E Erico, para onde vai? Voltará a S. Carlos no inverno.

Chaby, é positivo que fará o verão no Politeama, sendo quasi certo que continuará, no inverno, não tendo aceite o Trindade que lhe foi oferecido.

Mistinguett com alguns elementos do Casino deverão apanhar a monotomia nacional, em combinação Loureiro-Ricardo Jorge e deveremos ter em Janeiro os Bailados de Diagliew, que fará Madrid, Barcelona e Lisboa, de passagem para a America. Parece que será negocio de Ricardo Covões, em S. Carlos.

Que tal? Um punhado delas, e fresquinhas...

"Tremidinho"

RESOLVE SUICIDAR-SE EM HOMENAGEM Á CLASSE TEATRAL

Decididamente, a arte dramatica portugueza, não é merecedora de ter á sua beira homens da minha tempera moral, critica e analitica!

Durante alguns meses, dei nas colunas deste semanario, verdadeiras maravilhas de ensinamento, autenticas paginas de sabedoria, e a classe, em vez de ter por mim um suculento e desentranhado desvelo, em vez de, já não digo coroar-me de loiros, mas pelo menos dedicar-me uma recita de homenagem em São Carlos com a *Leitura e Escrita, Manhã de Sol*, um acto de variedades por todos os artistas que nunca aparecem, com os camarotes a duzentos e cincoenta escudos, acoima-me de má pessoa, inimigo declarado da Arte Dramatica e dos seus componentes e só por milagre de enfraquecimento fisico natural, é que escapei de levar duas ou mais bofetadas sem sequer me restar o unico recurso de solicitar a senhora da minha familia que fosse depois pedir explicações do acontecimento!

Eu, que tenho aqui vasado torrentes de preceitos, que tenho com o meu superior criterio de homem frequentador das portas dos Teatros, ensinado no «Domingo» os dogmas da verdadeira arte scenica, eu que tenho passado noites e noites a concatenar apontamentos e certidões para trazer á luz da imprensa o fruto das minhas investigações artisticas, eu que tenho corrido longos dias vasculhando velhos alfarrabios onde se fala da arte dramatica dos tempos prehistoricos do Dona Maria e do Dona Amélia, (duas senhoras muito ilustradas que a maioria da classe teatral de hoje, nem de ouvido conhece) afim de dizer á geração moderna de comediantes como nos tempos barbaros se representava o «D. Cezar de Bazan» e a «Locandeira, o «Luiz XI» e a «Magda», sou obrigado, pelo odio das gentes, a afastar-me do caminho traçado, a largar a pena e o papel, porque a classe me jurou guerra de morte!

E' doloroso, mas é absolutamente real!

Por isso, em razão do que fica exposto, para não dar á classe teatral o prazer de me vêr voltar costas, preseguido pelas furias da sua ingratidão, resolvo suicidar-me!

Sim! Leitor quando estas linhas chegarem aos teus olhos, o critico violento e sabedor, já terá desaparecido!

«Tremidinho», o unico CRITICO PORTUGUEZ, mata-se em homenagem á classe teatral!

Que o sangue deste critico cubra para sempre num «Anatema» feroz os seus algozes!

Vou matar-me! Como? Muito simplesmente: Vou assistir a um espectaculo dum teatro de Lisboa! (Não digo qualquer que é para que alguem não pretenda desviar a minha intenção).

«Classe Dramatica Portugueza»: Encobre os teus olhos de vergonha que a cabeça da Vitima da Verdade vai rolar!

TREMIDINHO

R. I. P.

Confortado, tanto quanto possivel, deu a Alma ao Creador o nosso querido amigo, Tremidinho. O Domingo cumpre o doloroso dever de participar o seu trespasse, pondo escriptos—e sentidos—os seus melhores sentimentos de camaradagem. Os responsos foram 4.ª feira no Templo dos Artistas, ao Largo da Anunciada. O cadaver será reduzido a cinzas, no forno crematorio do senhor Guisado, nos Irmãos Unidos.

Paz á sua Alma!

lá por fóra

A peça que ainda agora mais discussões provoca nos meios teatrais de Paris é a nova produção de François de Curel, «La viveuse et le moribond», peça cruel, feita ainda sob um tema de guerra, ou antes, de paz.

Tem produzido as criticas mais favoraveis, e as mais acerbas contraditorias.

Nessa peça defende-se a tese de que a guerra fez acordar no homem de 1914 que combateu, e que era civilisado, bondoso, idealista e culto — a besta féra da selvageria primitiva. Quem sofreu a sacudidela da guerra não mais se pode habituar á fraqueza convencional da nossa civilisação.

Meta-se-lhe agora filosofia, amor, e tecnica de teatro e ter-se-ha «La viveuse et le moribond».

á sucapa...

Fara lá dos papeis...

Ha semanas publicámos um belo desenho—charge que representava a ilustre actriz Berta de Bivar no «Saltimbanco». Pela fantasia do desenhador humoristico, o chapeu estava transformado e representava pela sugestão da sua linha, graciosamente, uma canastra de peixe.

Pois houve logo uma pessoa que escreveu áquela artista, dizendo que era nossa intenção melindra-la, com um calão de scena:

Ora o «Domingo ilustrado» não esfaqueia ninguem, e muito menos é grosseiro. O que tem a dizer, a rir ou a serio, di-lo cara a cara. E á Sr.ª D. Berta de Bivar, mulher dum grande actor e dum grande amigo, tem a cumprimenta-la apenas, mais uma vez, como uma das senhoras mais cultas e uma das artistas mais distinctas da moderna geração.

Os frequentadores de teatro

O «Domingo ilustrado» aceitou a incumbencia de ser o orgão da nova Sociedade de Freqüentadores de Teatro. Aqui, de futuro, o leitor poderá ver as «notas oficiosas» enviadas pela numerosa comissão da nova Sociedade, que quer antepor-se á critica da Imprensa.

Não sabemos até que ponto essa independencia será mantida, mas pelo menos, supômos que serão curiosas as opiniões da nova assembleia critica, e que o leitor lhe achará certo sabor inédito: Escusado será dizer que elas são da exclusiva responsabilidade da mesma Socidade.

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos «Benamôr» Auenda de Oliveira.

Gymnasio — «Banca á Gloria» com Palmira Bastos e Oil Ferreira. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — O «Segredo de Polichinelo». Bom gosto e arte.

Nacional — «O Anjo da Meia Noite» tradução de José Sarmento.

Trindade — Brevemente a companhia Lucilia Simões—Erico Braga.

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, o «Martir do Calvario». Formidavel exito.

Coliseu — Ultimo dia da companh de circo.

Ano II—Numero 63 — UMA NOVELA COMPLETA — Pag. 7 O DOMINGO Ilustrado

O nosso grande concurso de novelas curtas

Publicamos hoje a terceira novela que obteve um dos primeiros premios e damos começo á publicação das que tiveram segundos premios

NO PROXIMO NUMERO PUBLICAREMOS A SEGUNDA NOVELA QUE GANHOU UM SEGUNDO PREMIO

1.º PREMIO

O CRIME DA RUIVA

NAQUELE dia, a «Ruiva» regressava a casa, mais tarde que o costume. Já em redor do Sol-morto, lá pràs bandas do Mar, crescia o rancho das côres, pintalgando e vestindo de púrpura, a clâmide branca das nuvens que se ajuntavam perto!...

Aqui, além, dispersas pelo Céu largo, franjas sombrias como o bistre dos lutos aliviados...

Noitinha, quási.

Frio de Outono.

E a «Ruiva», que sempre recolhia a penates, muito antes do toque das Trindades, chegava mais tarde que o costume, vinha mais pensativa que nos outros dias.

Embrulhada num chale de merino escuro, com estremeções de frio no corpo magro, caminhava taciturna, cabisbaixa, arrastando os pés lentamente, num compasso enervante, fazendo tairocar na lágea do passeio, a chanqueta gasta, das chinelas de verniz ordinario...

Agora, mesmo na sua frente, abria-se uma ruélasita sonolenta, archoteada a dois lampeões de gaz, macadamisada aos altos e baixos, e aonde ficava o casebre em que a «Ruiva» morava.

Percorreu a rua até mais de meio, e os seus dedos esguios truparam com força numa porta velha, em parte picotada e broqueada já pelo caruncho, que lhe entrara a valer...

—Eh, «Ruiva», és tu?... interrogou alguem, da parte de dentro.

—Sou, mãe, sou eu...

A lingueta estralejou ruidosamente, na fechadura enferrujada, e a porta abriu-se, chiando nos gonzos carcomidos...

—Então?... preguntou a mãe, uma velhinha encarquilhada, de olhar sumido, enquanto cerrava a porta.

—Ah!... se vocemecê soubesse!... fez a «Ruiva».

—Raio de sorte!... parece que adivinho más novas!...

A «Ruiva» pousou o chale em cima da mesa, e deixou-se caír de escantilhão, por sôbre a cadeira que lhe ficava perto, aconchegando ao corpo os braços cruzados.

—É melhor deitar mais umas *fitas* ao fogo!... disse ela, apontando a lareira. Está frio...

—Se as tivessemos!... respondeu a mãe, olhando a «Ruiva», numa carícia longa. Gastei o ultimo dinheiro do petrolio...

E ajuntou, cheia de resignação dolente:

—Não havíamos de ficar ás escuras...

—Ó mãe, eu tenho vontade de chorar!... suspirou a «Ruiva», em desabafo.

—Diabos te levem, rapariga!... arrematou a velha, limpando com as costas da mão, disfarçadamente, uma lágrima furtiva. Deixa-te de tristezas!... Vamos, conta-me o que se passou.

—Falei-lhe, mas tudo foi baldado!... disse a «Ruiva», num soluço. Implorei-lhe o emprego que ele nos prometera, para que nos pudesse adiantar uns tostões... Se a mãe o visse!... Pintei-lhe a nossa desdita:—a mãe já velha, e eu há quantos dias sem topar trabalho!... Chorei na frente dele:—repudiou-me, gargalhando zombarías...

—Miseravel!... vociferou a mãe. Se fôra nos tempos em que o teu pai vivia!... Mas Deus não dorme!... Ele terá o pago.

Alanceada, triste, exausta, a «Ruiva» continuou:

—Depois, como se mudasse de ideias, êle tornou-se, de súbito, mais carinhoso. Aproximou-se de mim, até quasi se confundir a sua respiração com a minha. Depois... depois...

E a «Ruiva» escondendo a cabeça entre as mãos, debulhada nas lagrimas que lhe lavavam os olhos claros, soluçava alto...

No outro canto da sala, oculta na meia penumbra que flutuava, a mãe da «Ruiva», curvada, abatida sob a carga do infortunio que a açoutava, sentia-se desfalecer, sentia-se asfixiar, como se lhe circundassem fortemente a garganta e lhe entaipassem a boca!...

Na lareira sem fogo, a cinza apagara-se...

Cá fóra, luar de prata caíndo, gotejando saudades...

—E depois?... Ah, dize-me o resto!... Quero saber... quero saber tudo!... implorou a velha, a custo, endireitando o busto trémulo, e fitando a filha com insistencia desmedida, ao passo que as comissuras do lábio inferior lhe tremiam convulsas, agitadas nas vibrações da dúvida cruciante que a anavalhava...

—E depois?... E depois?...

A «Ruiva» soergueu a cabeça.

Olhou a mãe, aflando as narinas e os olhos estalando de dor. E ajoelhando bruscamente, rouquejou, cortante como um rasgar de seios:

—Mãe!... Mãe!... Perdôa!... Tu tinhas fome... eu tinha fome...

II

Ficaram-se as duas silenciosas, por momentos, alheiadas, inconscientes, curtindo em tredas fantasias, as ideias desencontradas que prepassavam no cérebro duma e de outra.

A mãe da «Ruiva», julgou ter percebido o erro tremendo em que a filha caíra.

Dize-me o resto... Dize-me o resto...

E sentia confranger-se-lhe o coração!

Absorta, aparvalhada, nem ousava sequer interrogá-la mais profundamente...

Sim, era verdade, era certo que a «Ruiva» lhe salpicara de lama os seus cabelos brancos, a sua coroa de virtude...

Tanta vez a aconselhara!... Tanta vez lhe dissera, que melhor seria esfacelar as mãos entre os cardos da Vida, que perder a honra entre as flores do Mundo!... Antes a pobreza virtuosa, do que o menoscabo duma atitude ignobil... Tanta vez lho ensinara, tanta...

E a velhinha chorava em silencio.

Tragava consigo o fel da tragedia íntima, que se lhe desenrolava na alma... que a queimava... que a desolava...

—E agora que fazer?... cogitou, a sós. Perdoar?... Sim. Todos nós pecamos!... E quando perdoamos aos outros, é quando estamos mais perto de Deus, e a nossa culpa mais branda. Coitadita da «Ruiva»!... Merecia piedade... Malditos homens!

E deixava descair a cabeça sôbre o peito, chorando.

A «Ruiva» tinha despertado por fim, do seu torpôr de maguada meditação.

—Mãe!... tornou ela, no vozer humilde e submisso de quem se penitenceia, contricta de arrependimento, purificada de amargôr...

—Mãe!... vocemecê não quere que eu termine de contar o que se passou?

—Ora!... Pra quê?... não val'a pena respondeu a outra, acabrunhada.

E assim, pretendia a todo o transe, evitar que, pelo menos naquela mesma noite, lhe revolvessem por diante a ferida enorme, sangrando mágua, tristeza, desânimo, que o Destino desapiedado lhe abrira a golpes de aríete...

E repisou, desoladamente:

—Não. Não val'a pena. Amanhã escutar-te hei com mais vagar...

Mas a «Ruiva» insistiu uma vez mais e outra ainda.

—Seja!... disse a mãe, resignada, levando a ponta do avental ao canto dos olhos humidos. Mas abrevia isso, peço-te...

E, novamente, a «Ruiva» prosseguiu a narrativa, semi-curvada para a frente, como que gemendo ao pêso daquela qualquer vergonha, que lhe fazia abater a fronte:

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

2.º PREMIO

UM FILHO ADOTIVO...

—A mãe diz, se hoje não váe «futa»?

—E verdade! talvez queira, sim; vámos lá!

A pregunta era de um pequenito de quatro para cinco anos, rôto e emporcalhado, que m'a vinha fazer da parte da senhora Balbina, fruteira antiga cá do bairro e de quem sou fraco freguez.

—Vamo?...

—Vamos lá; como te chamas pequeno?

—Maio.

—Então és irmão do Junho?...

Chegamos junto da fruteira que emendou rindo:

—Deixe-o lá falar, senhor; Mario é que ele se chama.

—Que idade tem ele?

—Faz cinco anos p'ró S. João. Ao menos é o que lá diz o papel...

—Então não é tambem seu filho?

—Agora! Meus, são aqueles quatro farruscos que estão alem; este menino... qu'ele afinal é como se o fôra... creei-o ao meu peito!

—Ai, sim?!...

—P'rá hi m'o trouxeram, nádo de horas, embrulhado em quatro farrapitos, para eu crear a par do meu Albino... que lá a mãe...

—Ao menos sabe quem é a mãe?...

—Isso «tamem» em qu'ria!... a cabra, pelos geitos, é de gente da alta, mas a respeito de se explicar... (e aqui a senhora Balbina fazia o gesto de esfregar a cabeça do polegar na do indicador) se morreu, como disse a velha que cá trouxe o meudo, Deus lhe perdoe, mas se é viva...

E a senhora Balbina entregando-me o troco, passou a aviar outro freguez, dando a sessão por encerrada...

* * *

O caso é hoje tão vulgar, que quasi me esquecia logo.

Dias passados, voltei lá para comprar uvas.

—Então o seu loirito, senhora Balbina?

—O catraio?... esse lá vai! e a senhora Balbina limpou uma lagrima com a ponta do avental.

—O quê? Morreu?!...

—Crédo! Longe vá o agoiro; pobre anjinho!... foi, mas foi para a viscondessa.

—Qual viscondessa?

—Nem o senhor conhece outra coisa! Aquela lambisgoia que mora ali no 37, ao virar da esquina...

—Viscondessa?... No trinta e sete!...

—Pois não?! a filha do ricaço do palacête, a brasileira; a que casou com aquele visconde arrebentado, que anda sempre lá p'ros toiros e p'rás...

—Ah! já sei, já sei! A viscondessa de G...?

—Ora graças! qu'eu lá esse nome nunca m'alembra.

—?!...

—Pois é como lhe digo; eu tenho cá uma dôr pelo petiz, isso é verdáde, mas que lhe havia de fazer?... aquilo lá, nem calcula... é mesmo Sant'Antoninho onde te porei... 'stá um morgado!

—Mas que diabo deu á viscondessa?

—Ora que diabo lhe havia de dar?... eu quero lá saber?!... Apareceu-me ahi a velha, a tal que me tinha trazido o menino, e vá de contar muita trêta... que a outra tinha morrido... que agora estava a servir na viscondessa, que esta tinha muita pena de não ter filhos, que o marido lhe não ligava nenhuma... e vae d'ahi? perguntei eu á velha. Que a viscondessa queria adoiar o petiz, que o perfilhávam, que me pagávam eles a creação, eu sei?!...

—E a senhora Balbina entregou-l'ho; 'stás a ver?...

—Pois ele! o senhor nem calcula: o raio da velha não se me tirava d'ahi todos os dias... que vira, que volta, que fosse lá, que deixasse ir lá o petiz... antes uma camada de sarna, t'arrenégo!

—Afinal, fez bem entregal'o; o diabo é se vem por ahi a mãe...

—E' o vens! ah! ah! ah!... agora me rio eu!... e entregando-me as uvas já pesadas e embrulhadas, a senhora Balbina, dando meia volta, deu a conversa por terminada. De longe, ainda a ouvi comentar:

—Nan qu'ele! sempre ha cada trouxa!...

* * *

Caminho de casa, fui ruminando involuntariamente aquela conversa e pensando na viscondessa, que por acaso era dos meus conhecimentos...

Tinha-a conhecido ha anos em Vidago onde fingia beber agua, com seu pae, um «torna viagem» que diziam muito rico, mas muito pé-de-boi.

Filha unica, muito nova, orfã de mãe, galante e com fama de herdeira rica, percorrendo anualmente todas (?) as praias e termas de Portugal, não lhe faltaram—si véra est fáma—as aventuras galantes...

Afinal, ha pouco mais de três anos casou, por amor... ao titulo, que o arruinadissimo visconde de O..., que toda a Lisboa dos toiros e das ceias, conhece e que teria infalivelmente sossobrado, sem a «boia» salvadora do casamento.

Disseram-me, não sei se é verdade, que os noivos só se conheceram, á hora de assignar as escrituras...

Mas afinal, a que vem tudo isto e que tem de extraordinario, que a viscondessa adóte o pequeno engeitado, se até á data não ha filhos do casal?

Nada, creio eu.

Ricos e sem filhos, é até meritória em extremo a sua acção.

* * *

Ha poucos dias, Domingo passado, creio eu, fui dar o meu passeio predileto dos feriados: Jardim Zoologico...

Dia de Outôno já, mas lindo, como sabem ser os dias de Outôno.

N'um banco retirado encontrei a viscondessa de O;...

—Então já em Lisboa e neste burguesissimo jardim?...

—E' verdade; as creanças precisam de ar e sol como as flores e este é um dos melhores quintaes, que temos para eles em Lisboa!

—Realmente, mas...

—Não diga mais!... já sei o que vae dizer, mas engana-se redondamente; tenho agora um filho, um amor de filho, que á toda a minha vida e ...toda a minha companhia (mais baixo)... meu pae, sabe?... só fala cambios e café... meu marido, esse, é todo... hastes limpas, puntas, como ele diz, mas ...ainda lhe não apresentei o meu loirinho!...

—Mario! Mario! vem cá á Mamã!

Na creança encantadora que me apareceu, gorda, branca, e córada, de olhos lindos e inteligentes, a custo pude reconhecer aquel'outra de focinhito magro e sujo, coberta de farrapos, que na Primavera me viera dizer:

—A mãe diz, se hoje não vae «futa»?

...e digam lá, que o habito não faz o monge!

O que é curioso, é que o petiz se parece imensamente com a viscondessa...

Naturalmente da convivencia.

Mario! Mario! vem cá á mamã!

M. K. (Assinante n.º 1)

VARIA

DAMAS

Solução do problema n.º 61

	Brancas	Pretas
2	19-23	26-19
»	12-26	31-17-7
»	3-10-19	6-24
	20-27	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 62

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 1 D 7 p.

= As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 60 a sr.ª D. Emilia de Sousa Ferreira, e os srs.: Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Carlos Gomes, José Bramão, José Magno (Algés), Neulame (Figueira da Foz), Ratesvana (Cascaes), Ruy Freiria, Sueiro da Silveira. Vicente Mendonça e Artur Santos, que nos enviou o problema, hoje, publicado.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

O crime da Ruiva

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

—Como eu lhe disse, mãe, ele tornára-se mais carinhoso. Aproximara-se tanto de mim, que lhe sentia o hálito repugnante e acigarrado...

E falou-me nos meus 17 anos!... Que com tal idade, se lhe obedecesse em tudo, teria um futuro risonho!... Daí por diante, não sei como foi. Abraçou-me:—esbofeteei-o!—Quiz violentar-me:—gritei, defendi-me...

—Minha pobre filha!... Meu amor!... interrompeu, comovida, a mãe da «Ruiva», pegando-lhe nas mãos e afagando-as docemente...

—Gritei, defendi-me!... A sua imagem, mãe, dava-me forças... Consegui fugir. Mas cá fóra, lembrou-me então que vocemecê não comera ainda em todo o santo dia. Encontrei-me sem dinheiro:—sem dinheiro e sem uma côdea de boroa!... Valha-me Deus!...

—E então... disse a «Ruiva», mostrando meia duzia de notas esfarrapadas.

—Então!... repetiu a mãe, num grito de anciedade.

—...encobri-me mais no chale... escondi as faces... e a quem passava implorei esmola... uma esmola...

—Perdoa, mãe!... Mas tu tinhas fome... eu tinha fome...

Domingos S. Tavares

Compre o LIVRO DO BEBÉ para registar a vida do seu menino.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

14 DECIFRAÇÕES (Todas)

CAMARÃO, EDIPO, ETIEL, JOFRALO, LHALHA, BISTRONÇO, ROBUR, HOFE, RAZALAS, A. D. MEIRA, D. SIMPATICO, (todos da T. E.) e AFRICANO

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 61

QUADRO DE MERITO

10 DECIFRAÇÕES

D. GALENO (da T. E.)

DECIFRADOR DO N.º 61

DEDICATORIAS:

AVIEIRA, CAMARÃO e LHÁLHA, saíram-se bem da rascada...

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

Fura-paredes

CHARADAS EM VERSO

1
Certo gatuno atrevido
Quiz roubar meu mealheiro,
Mas ao ser surpreendido
Fugiu, deixando o dinheiro.

Foi a *argola da gaveta*—2
—*Egual* é raro encontrar 1
Mesmo á força de marreta
Que evitou del'ma *roubar*.

Lisboa ZEQUITOLES

2
Apenas eu vi perdido—1
Tudo o que tinha *arriscado*,—4
Desde logo me julguei
Um grande *desventurado*.

Lisboa AFRICANO

[Para finalisar com o arsenalista «Rei-Vax» e com vista á sua «Lamia»]

3
Terminada a discussão
Em que você ficou bem,
Dou-lhe um aperto de mão
E outro a mais alguem!...

E' que embora encapotado
Sua mente *fortalece*.—3
Mas eu fico transformado
Num ente que bem se esquece.

Eu tenho *pena*, vos juro,—1
De não ter facilidade
De escrever em verso puro
P'ra lhe bater de verdade,

Porque o autor da «Cuitado»
Ficará cá na memoria,
E lembro-lhe este dictado
Tão velhinho na historia:

«Quem se pica cardos come».
E p'ra não mais ser picado,
Visto que tantos *consome*,
Dou-lhe isto: Fica *ajustado*?

Lisboa (PARA D. VASCO) DROPÉ

4
Sem ser bom atirador
P'ra matar qualquer charada,
Sinto-me agora doutôr
Nesta lide arrevesada.

Caso tenha bom humor
Para a luta já travada
Rogo ao «D. Vasco» um favor:
Deslindar esta embrulhada:

Sobre um *altar* perfumado—2
—Feito por um «*Deus*» pagão—1
De raro gosto, apurado,

Vi poisada certo dia
Uma «*ave*» de arribação
Semelhante á cotovia!!!

Lisboa D. SIMPATICO (T. E.)

(Respondendo á «Sobrecopa» de «D. Vasco», e a mais alguem)

Não vivo tão rente á terra
Como alguem possa supôr.
Meu coração inda encerra
Sentimentos de *valor*—2

Minha alma protesta e berra
contra o mundo adulador
que o belo nunca descerra
só ao mal dá vulto e côr.

A mim *não* ferem alardes;—1
mas eu recordo aos cobardes
que ainda tenho um fueiro

para espancar um qualquer
que não venere a mulher
ou mesmo seja *grosseiro*.

CHARADAS EM FRASE

6 Turvou-se-me o *semblante* quando vi a *sentinela* deixar-se subornar por uma simples «*moeda*»—2—2

7 Ofereço um copo de «*agua*» a quem tiver *inspiração* para descobrir o nome deste «*corpo simples*».—2—3

Lisboa ZEQUITOLES

[A «Pim Ta Dinho», retribuindo a sua «Piloirada»]

8 Foi num *caminho ingreme e alcantilado* que vi com *tristeza* um *homem desordeiro*.—2—1

Lisboa LHALHA (Da T. E.)

6 O *cura*, por causa dum *tecido*, deu origem a grande *motim*.—2—1

10 Encontrei na *caixa* um *laço* que me causou *misterio*.—2—1

Lisboa AFRICANO

[Aos emeritos charadistas e ultra-insignes confrades: «Rei-Vax», «Zequitoles» e «Terno de Paus»]

11 O *principe francez* acaba de *disparatar* com o *ilustre matematico*.—1—1

Lisboa CAMARÃO
D. SIMPATICO
LORD DA NOZES
(Da T. E.)

12 *Entre* tantas flores que conheço, garanto que não existe uma *egual* á que tenho no meu *jardim*.—2—2

Lisboa REI-VAX

13—*Seja*. O *catedratico* é *intrepido*.—1—2

Licboa D. SIMPATICO (T. E.)

14 Com *tafetá* e com *carinho* curo o *corrupto*.—2—1

Lisboa D. GALENO (T. E.)

ENIGMA

(Agradecendo a «Moafa» do insigne confrade «D. Galeno»)

15
Traduzir e prescrever
Os pensamentos que tenho,
E' que me custa a fazer
E no que mais mal me avenho.

Mas conceder e outorgar
O meu agradecimento,
Jamais o posso deixar
De fazer neste momento.

Mas «D. Galeno», olhe emfim
Que todo o Mundo me malha!
Bater e dar tanto assim
Faz *afligir muito* o «Lhálha».

Lisboa LHALHA (da T. E.)

CORREIO DO

AFRICANO.—Desejava falar-lhe. Pode dizer-me, por favor, onde o posso procurar?

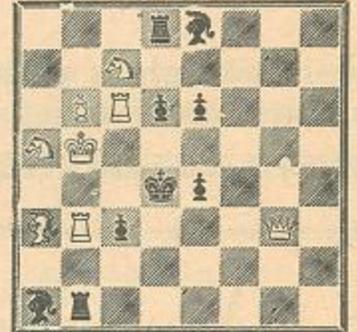
ARSENIO LUPIN.—Estou esperando mais alguns trabalhos seus!

REI-FERA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 62

Por E. Palkoska (1.º premio 1914)

Pretas (9)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 60

1 T de 5 R — 1 R

Resolveram os srs. Vicente Mendonça, Sueiro da Silveira, Grupo Albicastrense e João Salazar d'Eça.

Les Cahiers de l'Echiquier français 5.º número acaba de ser publicado. Já por varias vezes nos temos referido a esta publicação que é extremamente interessante e barata. 4 cadernos de 1925, 12 francos e os 4 de 1926 14 francos. Director Gaston Legrain, Paris 14 Rue de Rome (8e).

Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO

Afim de se acordar na melhor forma de levar a efeito o concurso de bandarilheiros, iniciado e promovido pelo sr. J. Segurado, reuniram no passado domingo, no escritorio da Empreza os criticos dos jornaes da capital, srs. Maximo Alcobia de «O Seculo», Brito Aranha do «Diario de Noticias», José Pedro do Carmo de «O Domingo ilustrado», Guilherme de Brito de «O Mundo», Manuel Costa, de «O Correio da Manhã», E. Simões de «O Radical» e Duque Calado, assistindo tambem o sr. Segurado e seus secretarios srs. J. Tavares e Mario Sant'Ana.

Após prolongada e interessante troca de impressões, assentou-se definitivamente nestes tres pontos:

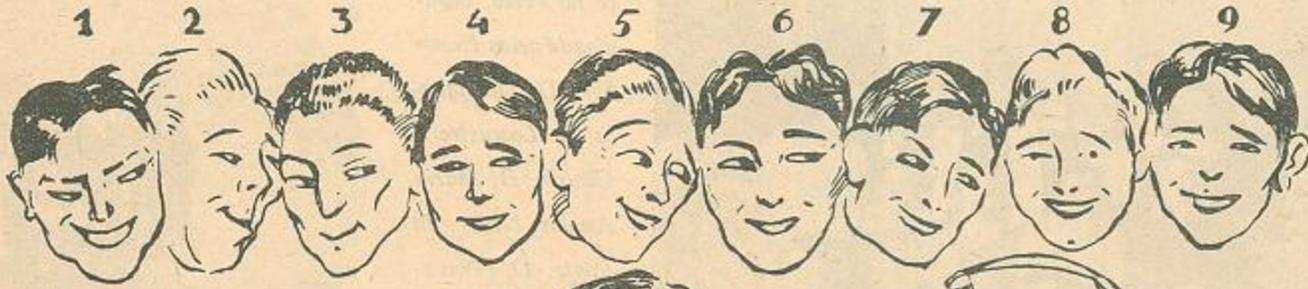
1.º—Que o juri seja constituido por tres membros que ajuizarão, independentemente, durante o decurso da lide, reunindo depois para se pronunciarem decisivamente.

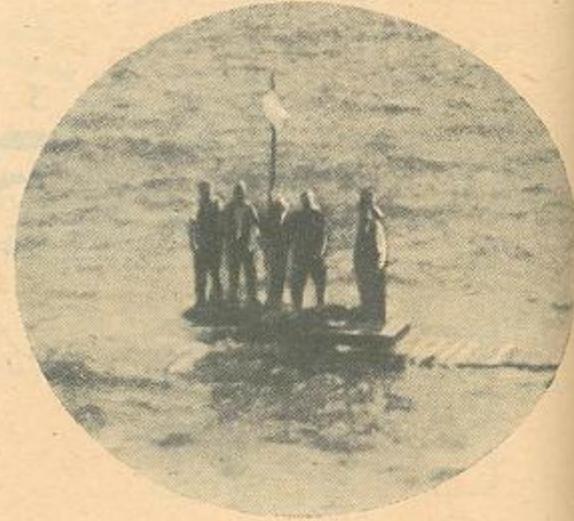
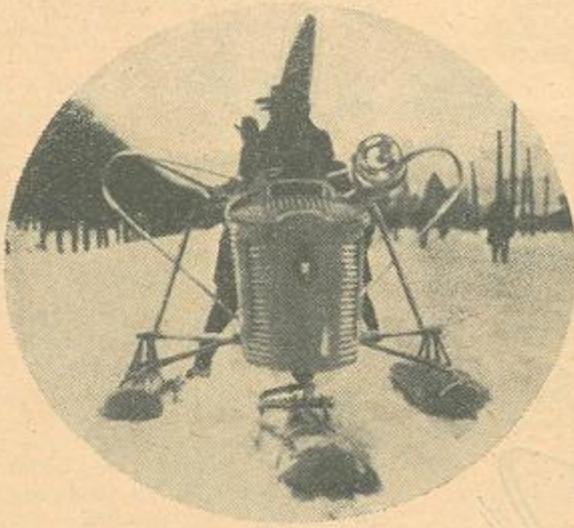
2.º—Que o referido juri seja composto por um delegado dos criticos, um delegado dos toureiros e outro da Empreza.

3.º—Que a classificação dos lidadores seja feita, não por pontos, mas pela impressão pessoal que o conjunto do seu trabalho radique no espirito do juri.

O concurso inicia-se já no proximo domingo, na corrida inaugural do Campo Pequeno, sendo feita durante a primeira parte uma eliminatoria que indicará os artistas para serem submetidos, na segunda parte, a provas finais.

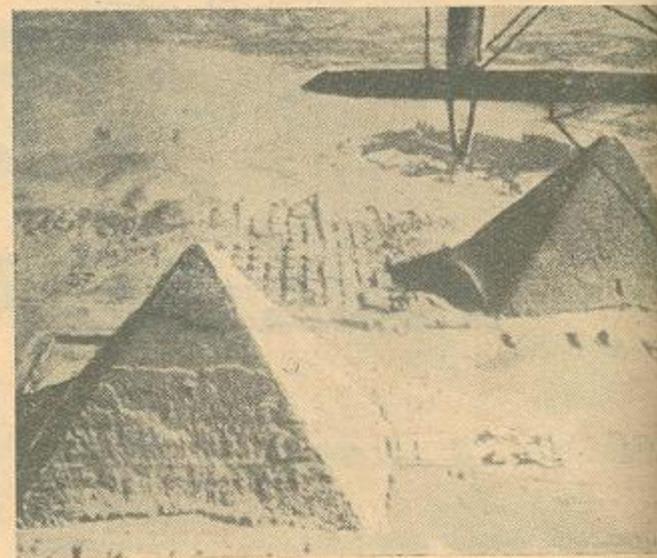
Sendo impossivel fazer n'uma só tarde o concurso para todos os artistas de pé, as provas deverão depois continuar em outra corrida

Publicidade

Actualidades gráficas

Uma festa elegante no Porto, organisada pelas Ex.mas Sr.as D. Henriqueta de Lencastre e Castro, D. Maria Amelia Neves da Ponte, D. Fernanda Van-Zeller, D. Amalia Lima, D. Ana Guedes e a ilustre actriz Lucilia Simões, ensaiadora.

O mais recente modelo de trenó automovel, invento de um engenheiro russo.

Naufragos que durante tres dias e tres noites estiveram sobre uma jangada perdida no mar.

Na recita de caridade realisada no Teatro de S João do Porto, pela Casa dos Jornalistas e Gremio dos Artistas Teatraes, com a revista Port-Wine *de Erico Braga: Loureiro Dias, Balmaceda, Erico Braga, Antonio Guerra, Juliano Ribeiro e Carlos Neves.*

Um grande instituto americano acaba de montar uma aula de ginastica para cegos.

Curiosa perspectiva da piramide de Gizeth, tirada de um avião.

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: 1160

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: N. 1360

Calçado «ELITE»

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO
ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE
NAS
PRINCIPAIS SAPATARIAS
DE LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO
NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73
Rua Garrett

AS MALAS DE VIAGEM
MAIS *ELEGANTES*
MAIS *RESISTENTES*
E MAIS *ECONOMICAS*

COMPRAM-SE A PREÇO DE FABRICANTE
NA

"A ORIGINAL"

RUA DA PALMA, 266-A — LISBOA

(Proximo ao Intendente)

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Especialidade em artigos de mercearia de primeira qualidade

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181

LISBOA

TELEFONE 142 N.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos
O CEGO DA BOA-VISTA de

O melhor vinho de meza é o
COLARES BURJACAS

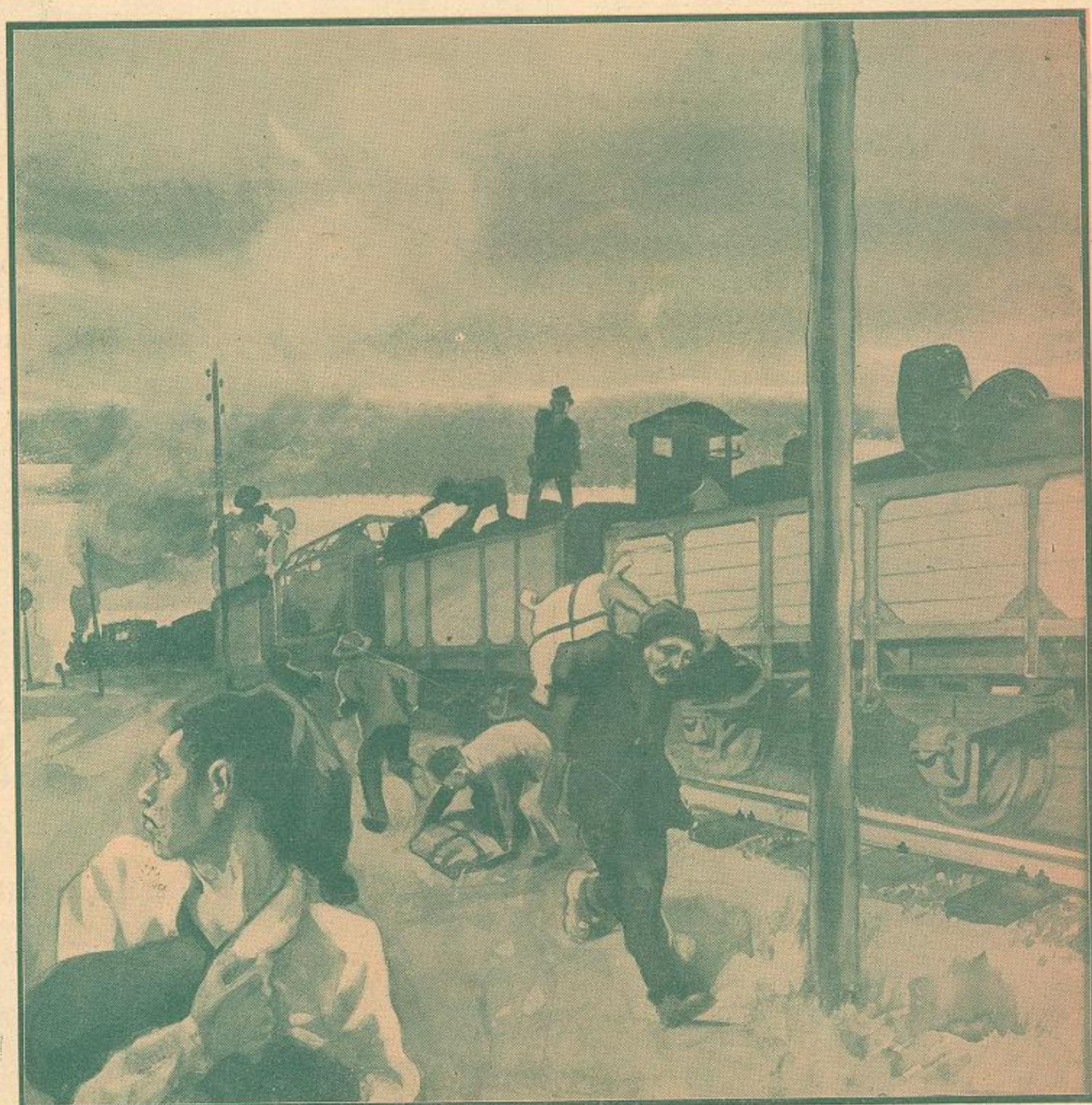
A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS E AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O GOVERNO TEM QUE OLHAR A SERIO A QUESTÃO DE PENICHE

OS ROUBOS NOS CAMINHOS DE FERRO

A maior quadrilha de que ha memoria!

A bem organisada policia da Companhia Portugueza acaba de prestar ao paiz um relevante serviço, pondo a descoberto a maior quadrilha de gatunos que tem aparecido entre nós.

LEIA DENTRO NOVELAS PREMIADAS NO NOSSO